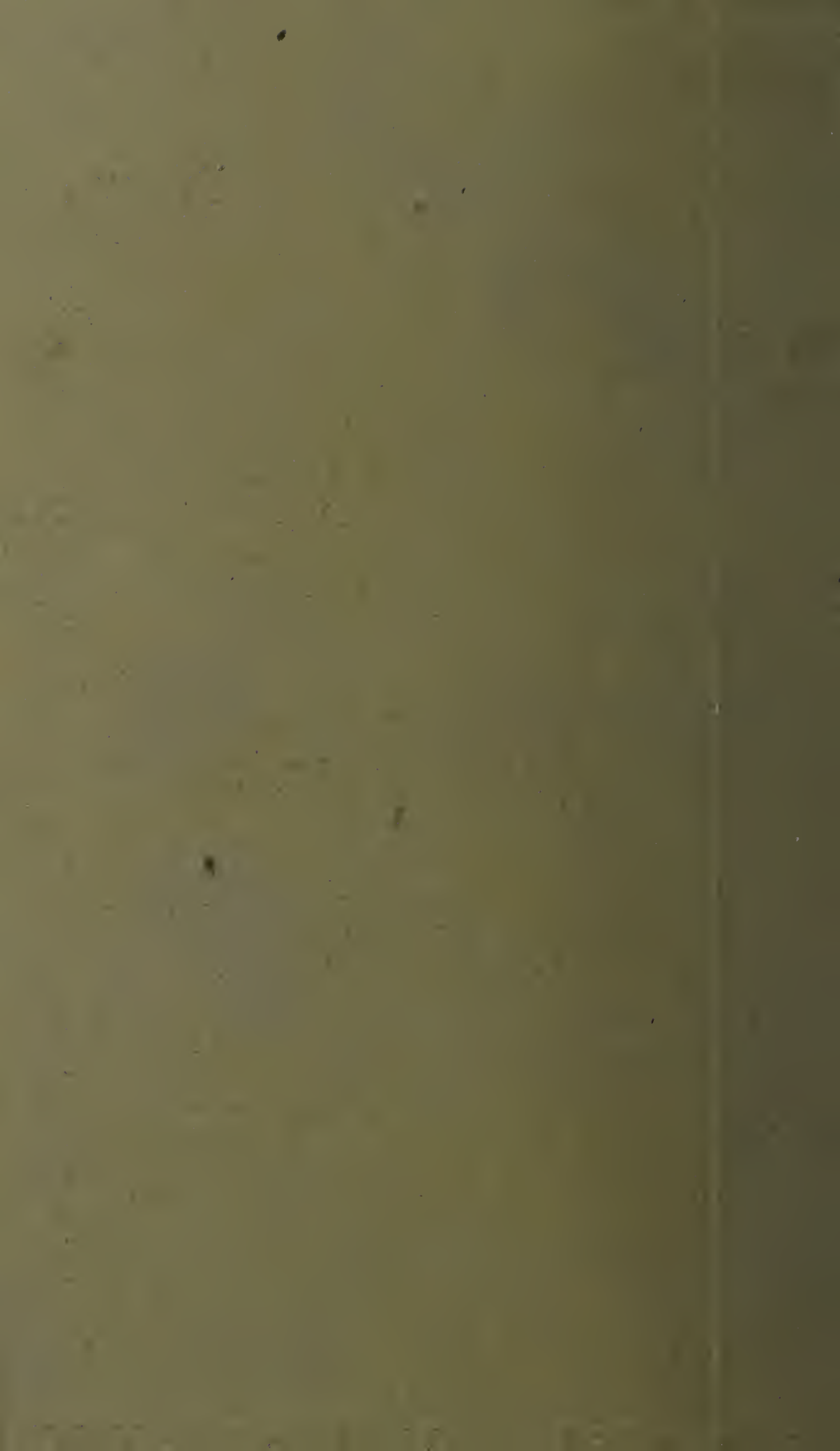
anxa
91-B
29023

MINIATURAS

3ª EDIÇÃO

MINIATURAS

GONÇALVES CRESPO

MINIATURAS

TERCEIRA EDIÇÃO

PRECEDIDA DE UM PROLOGO

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

(Bento Moreno)

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 e 6 — Largo do Camões — 5 e 6

1884

A MEU PAE

O SR. ANTONIO JOSÉ GONÇALVES CRESPO

GONÇALVES CRESPO

(O HOMEM)

Esta nova edição das *Miniaturas* faz-me recuar quatorze annos na minha vida. Como quem entra n'um bosque silencioso da sua aldeia, depois d'uma ausencia prolongada, volto em pensamento ás alegrias e tristezas da vida universitaria, á superioridade em que eu considerava os collaboradores da innocente «Folha», e ao lendario quarto do Crespo, na Couraça de Lisboa, em Coimbra. O quarto do Crespo!... Que intima familiaridade encerram estas quatro palavras, para todos os que alli entravam! Tinha a janella e a porta sempre abertas para a rua, dando sobre um patamar de pedra, ao qual se trepava por seis toscos degraus... Lá no ultimo andar morava o Penha, hoje conhecido advogado dos auditorios de Braga, um poeta dos mais correctos que tem tido a lingua portugueza e, de certo, um dos homens de mais gosto litterario que eu tenho conhecido. O Penha, a quem familiarmente se chamava o

João, tinha a apparencia e gozava da fama de orgulhoso e intractavel: — um d'estes individuos superiores, que percebem de coisas delicadas, intangiveis, inatacaveis pelo commum dos mortaes e que se julgam d'um barro differente do trivial. Falsissima idéa esta que se fazia do excellente João Penha: no fundo era um rapaz sensivel e bom, sómente preferindo a convivencia artistica e bohemia, a qualquer outra. Os seus habituaes silencios diante dos que não eram da seita, significavam mais timidez do que arrogancia, que elle só tinha litterariamente, quando nos *expedientes* da «Folha» se dirigia a personagens imaginarios, terçando então com ouzadia, como o cavalleiro Hernani. O Crespo era bem differente do Penha: — significava para toda a gente, estudantes ou não estudantes, litteratos ou não litteratos, a convivencia e a bondade. No seu quarto de estudo, todo forrado de retratos de artistas celebres e de estampas d'um alto valôr tiradas de obscuros almanachs, de capas de livros ou das paginas pretenciosas das *illustrações* estrangeiras, entrava todo o mundo e todo o mundo era bem acolhido. A força de sympathia que este excellente rapaz resumia era um thesouro. Os neophitos da litteratura procuravam-n'o animosamente sem o conhecerem, e em poucos minutos de conversação, quasi se transformavam em intimos amigos do poeta. Este traço vivo do seu caracter, conservou-o toda a vida, mesmo quando já era um nome laureado. Muitas vezes, no seu gabinete da travessa de Santa Catharina, em Lisboa, encontrei individuos totalmente desconhecidos, que o Crespo me apresentava como notaveis poetas, romancistas e dra-

maturgos e que, afinal de contas, eram sómente apreciaveis cavalheiros do Rio Grande do Sul, de Macau, ou do Alemtejo, os quaes elle conhecera pela primeira vez n'esse dia, o que não obstava a tratarem-se reciprocamente como companheiros de collegio. Por isso, quando apparecia alguma vocação litteraria de bom quilate, o auctor das *Miniaturas* mostrava logo a vaidosa pretenção de a ter descoberto primeiro que ninguem, ao que eu lhe retorquia: «Grande admiração! Se todos os aspirantes a escriptores se te vem apresentar, logo ao nascer!...» Em virtude d'estas suas maneiras familiares e simples era muitissimo conhecido; e, a prematura e inacreditavel morte que o abateu foi tão excepcionalmente sentida, que sua boa esposa, por occasião do triste acontecimento, recebeu as provas mais inequivocas e numerosas de quanto o talento e o caracter de seu marido eram queridos e venerados, por uma multidão de pessoas, que ella mesma nunca soube quem eram.

Vieram-lhe pesames das povoações mais isoladas e desconhecidas de Portugal e Brazil e todos os que as enviavam se diziam admiradores e, muitos, velhos amigos do poeta Gonçalves Crespo.

O seu quarto de Coimbra, além d'outras, tem para mim o valor d'uma sympathia pessoal, d'essas que, por pouco que valham, deixam sempre alguma coisa na memoria do homem. Foi alli que appareceu o meu primeiro nome litterario — *Bento Moreno* — com o qual assignei os dois primeiros volumes da *Comedia do Campo*. Eu era estudante de medicina, compuz recatadamente o meu primeiro conto — o *Tio Agrella* —; mas como não tinha bastante con-

fiança na minha obra, pedi ao Crespo para combinarmos um pseudonymo e foi elle, mais do que eu, que lembrou aquelle de que depois uzei.

*
* *

O segredo do seu proverbial poder d'attracção compunha-se de elementos bem diversos. Alguns vinham do seu talento de poeta, outros da sua sciencia de conversar, outros finalmente da sua distincção pessoal. Combinava-os a todos instinctivamente, com o esmero com que esbatia os tons duros, as ultimas arestas d'um soneto quasi perfeito. A voz insinuante, d'uma longa escala e habilmente modulada criava um ambiente musical; o olhar vivo de myope, tendo doçuras e lampejos, illuminava-lhe a palavra persuasiva; os dentes brancos, eguaes como os d'um pente de marfim, sobresahiam na côr escura do seu rosto, dando a esta physionomia singular uma expressão que rarissimamente se encontra. Crespo não tinha nada da vulgaridade dos homens formosos, nem mesmo do ridiculo dos homens bem parecidos; porém todas as pessoas que se approximavam d'elle confessavam que era um rosto attrahente e d'uma mobilidade captivante. Provinha isto em parte, naturalmente, das suas qualidades de talento; porque, com a perspicacia peculiar á sua raça, interessava-se com facilidade nas idéas dos outros, obrigando depois o seu interlocutor a acceitar as suas proprias, por mais excentricas que á primeira vista parecessem. Nunca oppunha uma resistencia importuna e

inconveniente; porque o seu fim era attrahir. Affeiçoava-se com notavel facilidade a todas as circumstancias em que se encontrava: — brincava com as creanças e conversava pachorrentamente com os velhos, que o adoravam; era amabilissimo com as senhoras que tantos versos lhe mereceram e de que as *Miniaturas*, escriptas no tempo dos ardores juvenis, dão idéa mais completa do que os *Nocturnos*. Porque, acreditae-o, os seus deliciosos sonetos d'amor e as suas poesias de paixão, sempre discretas como d'um artista completo, mas ardentes no fundo, tiveram mais ou menos um objecto real, palpavel, sensivel por vezes, resistente em poucas occasiões. A *Modesta* é uma historia que teve uma realidade na vida, como a teve egualmente a *Sara* e outras... A *Mimi* era no nosso tempo de Coimbra uma adoravel creança e hoje deve ser uma senhora. E quereis poesia mais bem sentida e magistralmente executada, do que essa que nas *Miniaturas* se inscreve — *Alguem* —?!... O sentimento pessoal, raras vezes adquire uma tal plasticidade. Só isto acontece nos grandes artistas, que dispõem de meios extraordinarios, para realisar as suas idéas. Esta poesia é uma perola da côr macia do leite engastada n'um adereço da mão do ourives Benvenuto. Gonçalves Crespo não fez versos no vago, por um sentimento de imitação de Musset ou Hugo: — todas as suas ironias ou palavras de paixão, de amor ou de sympathia, attravessaram-n'o energicamente, produzindo n'elle a commoção indispensavel a toda a obra d'arte, para não ser postiça. E' talvez por esse tom de realidade, que fórma a trama fundamental d'este poeta, que o

publico, sentindo as suas alegrias, as suas dôres e as suas malicias, tanto o estimou.

Onde todas as suas poderosas qualidades pessoaes de fascinação, principalmente a musica da sua voz, se impunham com mais intensidade, era na recitação em publico, diante d'uma platéa de senhoras formosas... O seu gesto bem calculado, a ousadia e coragem do olhar, o busto n'uma linha natural, o vestuario irreprehensivel... formavam um conjuncto harmonico. Não galgava os versos emphatica ou apressadamente, como qualquer ingenuo dominado pela commoção ou aterrado pelo auditorio. Era n'essas circumstancias que se exhibiam as suas malicias habituaes, que tanto me faziam rir. Limpava demoradamente a luneta, olhando com o olhar vago de quem não vê; fingia um rosto contristado e ás vezes com laivos de amargura, parecendo que tinha um ligeiro susto de se poder esquecer... Assim ia aguçando a curiosidade do publico, fazia-se esperado, desejado... Quando lhe pediam *bis*, ou lhe exigiam que recitasse alguma das suas poesias mais dilectas do publico, Crespo, que possuia um ouvido finissimo, nunca percebia á primeira reclamação. Interrogava a platéa, perguntando se era a «Ceia de Tiberio», quando distinctamente tinham dito «A resposta do Inquisidor». Assim obrigava o interesse e anciedade a serem geraes. Muitas vozes pediam a «Venda dos Bois», outras reclamavam a «Morte de D. Quichote». Fazia-se silencio. Elle principiava a revisão mental da poesia que desejava recitar. Parava, sorria de novo significando ao publico que tinha alguma difficuldade em se recordar... Passados minutos, quando a plateia

estava muda e nervosa, a voz de Gonçalves Crespo erguia-se calma e bem calculada, variando apropriadamente sem uma falha até á conclusão, momento em que o publico o victoriava enthusiasticamente.

Na conversa familiar, no campo, por exemplo, á sombra das arvores copadas, quando ao longe os pincaros altos das montanhas se tisnavam debaixo d'um sol abrasador, o Crespo era surprehendente de bom humor e de graça. O seu riso largo e bondosamente malicioso, estabelecia um tranquillo bem-estar em todos os espiritos. As suas subtilezas, as ironias e as segundas intenções das suas palavras, formavam uma àtmosphera intelligente. Com o seu fino sentimento do comico e do ridiculo parodiava os *tics* de certas pessoas, designava certas fragilidades sociaes, contava como veridicos, casos que talvez nunca tivessem succedido, recitava poesias de Tolentino, de Bocage, cantava canções hespanholas. Os seus silencios, que muitas vezes eram prolongados, tinham um grande preço: — ninguem possuia maior sciencia de ouvir e, principalmente, ninguem melhor que elle deixava exhibir um pedante, ou um grotesco.

Dos rapazes que nos conhecemos em Coimbra, nenhum arranjou uma lenda episodica tão volumosa. A provincia está cheia de anecdotas que lhe dizem respeito. Foram espalhadas pelos seus contemporaneos de Braga, do Porto e de Coimbra, terras onde o Crespo passou a vida de estudante. Terá succedido tudo quanto querem patrocinar com o seu nome sympathico e lendario? Serão verdadeiros todos os casos attribuidos á sua imaginação, os ditos com que caracterisava os factos, as aventuras em que se en-

controu furtuitamente?!... Tudo isso tem pelo menos de real, a saliente personalidade do auctor das *Miniaturas*. Elle anima ainda os acontecimentos com uma viva luz de originalidade. Os narradores teem deante de si, n'um intenso destaque, a figura viva e animada do meu infeliz amigo. O seu riso de bondade, a sua ironia travessa e inoffensiva inspira-os, faz-lhes dar ás proprias palavras um relevo e côr que ellas nunca tiveram. Todas essas historietas provam o forte poder de attracção, contido em Gonçalves Crespo. E para comprovar esta asserção reproduziremos duas circumstancias da sua vida, tiradas d'um estudo que fizemos em tempo, para acompanhar o seu retrato n'uma revista litteraria (1).

Uma noite, em Coimbra, por occasião de ferias de natal, o Crespo adoptou como meio de transporte para a Povoa de Santa Iria, um compartimento de carruagem de primeira classe, no caminho de ferro. Dentro encontrou, commodamente embrulhado e com vontade de adormecer, um velho, que nos primeiros momentos pareceu insensivel ao apparecimento do novo viajante. Era um homem de aspecto mediano, physionomia serena, cabello e barbas brancas, que faziam lembrar as de Victor Hugo. Crespo, com as suas maneiras polidas de *gentleman*, comprimentou o *cavalheiro*, dando-lhe o tratamento de *meu caro senhor* e offerecendo-se para atirar o charuto fóra, caso o fumo o incommodasse. «Por fórma nenhuma, até gosto...» — respondeu o velho, extremamente agradecido. Cinco minutos depois, ainda o comboio não

(1) *A Renascença*, que sahiu á luz no Porto, em 1880.

tinha partido, já se tratavam por *bons amigos* e o viajante, magnetisado, pelo riso natural, pela voz affavel do seu interlocutor, nem reparou na singular rapidez d'aquella intimidade. Que se passou durante essa longa noite de jornada hivernal? Calculamol-o por uma carta que do Crespo recebeu, dias depois, o dr. Bernardino Machado, que o tinha acompanhado ao comboio. Historiando o acontecido n'um estylo familiar e variado, o poeta terminava, pouco mais ou menos d'este modo: «O dianho do homem não me deixou ficar na Povoa e fez-me perder um dia de jornada. No Entroncamento obrigou-me a participar da sua optima ceia, bellamente repartida em dois pequenos cabazes inglezes. Não imaginas, filho!... eram frangãos, perdizes, vinhos antidiluvianos e marmellada!... Vim com elle até Lisboa e mandou-me na sua carruagem para o Tojal. Dianho do velho, tem uma optima carruagem, muito mais commoda do que o selim do *cavalicoque,* que me esperava na estação da Povoa.»

Tempos depois, este cavalheiro, passando outra vez em Coimbra, entrou na cidade, exclusivamente para visitar o seu amigo Gonçalves Crespo, no seu quarto de estudante, da Couraça de Lisboa.

Um episodio ainda mais caracteristico do humor do poeta das *Miniaturas* e *Nocturnos* passou-se em terras do Alemtejo. Em Coimbra aconselharam-lhe, por causa d'um padecimento cutaneo, o uso d'umas aguas medicamentosas, que existem em Aljustrel. Crespo, concluidos os trabalhos universitarios, dirigiu-se primeiramente a Braga, com o fim de obter da munificencia paterna umas quinze libras, necessarias

para despezas. N'esse tempo, por causa de circumstancias domesticas, ia-se sempre alojar n'uma certa hospedaria da cidade dos Arcebispos e d'ahi escrevia ao pae, que o vinha vêr geralmente pela volta das onze horas da manhã, quando ainda o poeta estava na cama. Conversavam de coisas diversas:... Maus negocios do Brazil, reacção e fanatismo em Braga, eram os themas do pae; difficuldades das lições em Coimbra, grande inopia de dinheiro, eram os assumptos favoritos do filho. N'esta, como em outras occasiões, o Crespo espreitava sagazmente o momento de dar o seu *tiro*.

«Esta coisa da molestia está de cada vez peior. O dr. Mirabeau estudou o assumpto e diz que se cura com certas aguas do Alemtejo. Ahi umas quarenta libras...»

O velho mostrava-se sempre feroz em questões de dinheiro. Era preciso pedir-se-lhe o triplo para se obter a quantia indispensavel. «Quarenta libras! Estás doido! Esse doutor é um asno. Tu não tens molestia nenhuma.» Já se sabia que esta resistencia era, até certo ponto, para effeito theatral. O filho deixava-o berrar e por fim dizia-lhe: «Não se faça fino. Ponha ahi o dinheiro e deixemo-nos de palavriado.» É verdade que punha; mas era necessario renovar tres e quatro vezes a questão, usar de maravilhosos subterfugios de Talleyrand, e fazer espantosas reducções na quantia. Uma vez mesmo, o pae do Crespo, tendo feito solemnes promessas, de que daria a somma ajustada, arrependeu-se depois, e, para se esquivar, fugiu surrateiramente de Braga para a Povoa de Varzim. O poeta, sabendo-lhe do paradoiro,

metteu-se na diligencia e foi ter com elle. O velho, logo que o presente, esgueira-se de novo para Braga, mas sempre com o filho no encalço. Por fim vieram ás boas e o negocio arranjou-se por umas dez libras. No fundo eram dois amigos, quasi dois companheiros de quarto, pelo tom de egualdade em que se tratavam; mas os *conflictos de pecunia,* tornava-os iracundos.

Era assombroso de graça ouvir contar ao Crespo o que lhe succedeu, durante a sua perigosa epocha balnear no Alemtejo. Esteve para ser roubado, para ser assassinado, viveu durante alguns dias entre contrabandistas e ciganos.

As primeiras noites de Aljustrel, passou-as n'um quarto terreo, contiguo a uma taberna, onde julgava ouvir por entre o tocar dos copos, a exhibição do plano de o esquartejarem.

Uma vez, ás tres horas da manhã, quando tudo estava tranquillo na terra e no ceu, entra-lhe subtilmente no quarto um homem de longa barba, á bandido. É certo que a este homem sómente se lhe descortina na mão esquerda uma simples candeia; porém na manga direita, podia muito bem esconder-se uma navalha assassina. Crespo convence-se d'isto e entende que está condemnado a morrer, presume que este é o facinora escolhido para a execução do criminoso plano e resolve luctar, questionar a vida até a ultima pinga de sangue. A sua idéa, rapidamente elaborada, era simples e astuta: fingiria que resonava innocentemente; o homem da barba, havia de approximar-se de vagar para não ser presentido; quando estivesse perto, quando fosse a vibrar o terrivel golpe,

Crespo, que o espreitava pelo canto do olho, saltar-lhe-hia imprevistamente ao gasganete e, desarmando-o, havia de obrigal-o a pedir misericordia. Nada d'isto, porém, foi necessario, pelo simples e interessante motivo, de não se ter dado sequer a tentativa de homicidio: — o homem da candeia não trazia navalha nenhuma e dirigindo-se, talvez moido da longa jornada, a um banco que estava ao fundo da loja, deitou-se, apagou a luz pendurada no muro e, cinco minutos depois, roncava estrondosamente, n'um somno pegado, que durou até de tarde.

Dias depois, abandonou esta hospedagem, por causa de questões com o dono da locanda, homem tão prepotente, que negava ao auctor das *Miniaturas* o direito de comer queijo á sobremesa, pelo facto de já se ter servido de laranjas e peras. Teve de ir pedir agasalho ao prior de Aljustrel, que já conhecia como homem accessivel. No momento em que entrou na residencia do sacerdote occupava este os ocios abbaciaes cavando as hortaliças. Na posição de curvado em que estava, ouvindo que o chamavam, olhou mesmo por entre pernas perguntando: «Quem diabo está ahi?» O poeta contou-lhe no tom mais captivante, entremeando a narrativa de algumas palavras latinas, os perigos e aventuras de heroe manchego, em que se vira. Precisava que o senhor prior o hospedasse em sua casa, em quanto tomava uma duzia de banhos.

Era um grande favor que lhe fazia, além da paga. «*Charitas est virtus excelsa,* meu caro prior: eu sou um doente e n'esta terra não ha hospedarias capazes.» Accedeu facilimamente o bom ecclesiastico, tratan-

do-o logo por *magister doctor*. A paga que recebeu foi muito mais valiosa do que se podia esperar d'um simples estudante de Coimbra. Crespo tomou-lhe no dia seguinte a direcção politica e litteraria d'um jornal, que o ecclesiastico redigia proficientemente, resumindo toda a illustração e justiça d'aquellas aridas paragens. Aquelle periodico de opposição dava larga margem a todas as invectivas e podia conter revindicações sociaes de primeira ordem. Os artigos de Gonçalves Crespo, repletos d'uma iracundia de tremer, causavam enorme gaudio ao sacerdote. «Mais moralidade, senhor ministro do reino, é preciso mais moralidade no poder!» — terminava sempre as suas objurgatorias o novo publicista. Esta phrase viva e energica, perfurante como um estylete, rebentava ás vezes pelo meio dos artigos, como o ultimo estoiro d'uma girandola de foguetes. O prior de Aljustrel chorava de contentamento ao saborear as famosas catilinarias, que elle suppunha serem lidas com avidez em Lisboa. Abraçando effusivamente Gonçalves Crespo, dizia: «Atire-lh'as fortes, *magister doctor*, que verá como elles se hão de doer. Apre, seus ladrões, ao menos terão de as ouvir» — apostrophava com o punho cerrado, falando pela janella fóra.

*
* *

Porém este homem, d'uma lenda tão alegre, d'um exterior tão animado e vivo, continha em si outro homem notavelmente differente e até, podemos dizer, contrario. Irregularidades de temperamento, capri-

chos de sensibilidade, ou essa recondita e incessante lucta, que todos os individuos que vivem de idéas, tem de sustentar contra si e contra os outros, lucta que muitas vezes resume a impossibilidade de attingir pelos meios humanos a realidade d'uma aspiração d'artista, talvez algumas contrariedades e desgostos na vida ordinaria... o certo é que o auctor das *Miniaturas*, tinha dias de profunda e dominadora tristeza. Tal affirmação surprehenderá, mesmo algumas pessoas que o tratavam de perto. É que o seu espirito reservado e precavido contra todas as fraquezas, mostrava-se exteriormente alegre, quando estaria mais triste e acabrunhado. O grande segredo da sua expressão, estava em saber fingir que escutava os interlocutores; mas os seus longos espaços de mudez, muitas vezes cortados de gestos sacudidos e rapidos, por olhares incendiados e fogosos, correspondendo a dialogos mentaes, denunciavam um temperamento melancholico. Elle mesmo, sabendo que era geralmente tido na conta de galhofeiro e folgasão, formava de si opinião bem diversa... «eu que sou sombrio e pouco falador...» — escrevia a uma pessoa intima, a 18 de junho de 1871. Temos presentes algumas cartas d'esta epocha, que foi a do apparecimento das *Miniaturas,* quando elle ainda era solteiro e estava em Coimbra.

Em todas, mais ou menos, ha essa nota plangente e lyrica, que nos seus versos apparece fugazmente; mas sempre com um accento energico de realidade. Uma questão de raça, de temperamento, ou circumstancias de familia, tornavam-lhe muitas vezes a sua alma arida e selvagem. Tinha intimos desespe-

ros. Soffria na solidão e isolamento do seu espirito, escondendo-se orgulhosamente não só das vistas indiscretas e vulgares, mas até das dos seus proprios amigos. Confessava a 23 de julho: «Não sei que sinto. Estou nervosissimo, tenho vontade de amarrotar e rasgar esta carta, que é estupida, incoherente e exquisita. Vou ver se descanso um pouco, vou passear pelo quarto e vou fumar e espedaçar nos dentes alguns charutos.» — «Que dia tão triste me espera.» — «É-me impossivel escrever nada. Quero formular o que sinto e choro sobre este papel como uma creança.» Esta carta escripta n'aquella sua lettra tão caracteristica, miuda e fina, como um bordado, traço ligeiro e meticuloso *d'agua-fortista*, tem signaes evidentes d'um estado nervoso excepcional — as hastes trémulas, as ovaes como pontos, o papel despedaçado em alguns logares.

Tambem, apesar de espirito esclarecido e ironico, era muitissimo supersticioso. Nos seus passeios campestres, nas vesperas de feriado em Coimbra, ou nas divagações nocturnas por alguns logares menos frequentados de Lisboa, que eram sempre os que elle preferia, notei-lhe muitas vezes subitas paragens, a preferencia inexplicada de certas ruas, e a mudança repentina n'uma direcção differente da planeada. Como Balzac, percebia na physionomia dos logares expressões accidentaes, agradaveis ou antipathicas, e a impressão que estas circumstancias produziam sobre os seus nervos era indomavel. Tinha a mesma preoccupação a respeito de algumas pessoas desconhecidas com quem se encontrava, e em certas occasiões, não podendo conter-se, chegava a mostrar

o seu desagrado ou sympathia. «Ás vezes — escrevia — sou supersticioso: isto é de sangue, da creação e da educação das creanças no Brazil. Quando recolhia hontem á noite a casa, bateu-me no peito uma borboleta negra, que me apavorou.» Por isso ainda accrescentava: «Eu quasi adivinhava hontem a mã nova d'hoje.»

Pouca gente o considerava como um individuo sensivel, affectado por sympathicas recordações da infancia. Era pouco communicativo em assumptos intimos e os seus versos, d'uma correcção de grego, talvez pelo muito que os aperfeiçoou, não mostrem bastante o fundo meigo e dolente da sua alma. Porém em muitas poesias das *Miniaturas,* o poeta denuncia-se e, melhor ainda, n'esta pagina intima que transcrevemos e que é d'uma simplicidade tocante: «Falando-me do Brazil suscitou-me a lembrança de um futuro, que surge deante de mim, incerto e cheio de brumas: não sei ainda que carreira abrace, não sei para que rumo me volte. Meu pae, o meu maior e mais dedicado amigo, deseja que eu seja medico. Diz-me elle ás vezes: quero deixar-te abençoando a minha memoria, quero deixar-te com um ganha-pão. É para teu bem. No Brazil, em poucos annos, podes chegar a ser rico, riquissimo até: os medicos alli são tudo. Terás consideração, riqueza, importancia... aquillo que eu te deixar, póde d'um momento para outro ser absorvido por uma desgraça e então o que será de ti? Estuda pois e arranja um modo de vida, que te ponha a coberto de todas as eventualidades. Mas eu sou d'uma preguiça sem nome. Quando muito, talvez me forme em philosophia e depois de

formado, passa-me, ás vezes, pela idéa um sonho, que é o seguinte: chamar minha mãe e se poder uma irmã casada que tenho no Brazil, constituir familia, e constituir um ninho agradavel, mimoso e confortavel, aqui em Portugal, no Minho por exemplo.» — «Depois recordo-me com saudade da casa onde nasci, de minha mãe e de minha irmã, de todo esse conjuncto que me rodeava a minha infancia, e fico-me perplexo.» — «O mais certo pois é partir, mas desconfio que me não hei de dar bem por lá. Tenho apparencia de robusto, mas sou fraco e doente. No Brazil estive muitas vezes á morte e foi esse um dos motivos, porque meu pae me enviou para Portugal.» — «Eu medico! Adeus minhas esperanças, adeus meus sonhos passageiros de gloria. Sabe porque prefiro Portugal ao Brazil? É porque aqui me fiz homem; porque aqui amei...»

Isto é d'uma simplicidade digna de Michelet, escriptor que o poeta Gonçalves Crespo tanto amava e lia. Accrescentaremos algumas linhas, que são talvez d'uma meiguice ainda mais encantadora e sympathica:... «longe de tudo que é para mim caro na vida, aqui n'este canto de Portugal onde passo a minha juventude, quasi orphão d'affectos e triste de saudades do meu paiz...» O seu paiz, ou melhor, o paiz onde nascera era o Brazil, como se deprehende facilmente. Gonçalves Crespo, veiu do Rio de Janeiro, sua terra natal, aos 10 annos, e nunca mais lá voltou, adoptando por fim Portugal, onde foi *deputado,* como sua patria.

Era reservado e o seu caracter d'um fundo cauteloso. Imperava n'elle essa voz omnipotente da natu-

reza que avassalla de preferencia as boas organisações: «Ás vezes tenho loucuras exquisitas. Estou falando com alguem e não acredito no que esse alguem me está dizendo: passa-me então pela idéa uma coisa sem nome, desejava penetrar alli dentro d'aquelle craneo, senhorear-me d'aquella alma e devassar-lhe os segredos mais intimos e mais occultos. Se eu tivesse esse poder era o homem mais feliz da terra. Ninguem me illudiria, não podiam fazel-o sem que logo eu dissesse: mentis.»

Na apparencia era um tanto desprendido e insensivel ás caricias que lhe podiam prodigalisar; porém na realidade estimava-as em alto grau. Durante o seu tempo de Coimbra, morou em casa d'umas senhoras edosas que davam hospedagem a estudantes. Alli foi companheiro de João Penha, e do dr. Vicente Monteiro, hoje um dos mais conceituados advogados de Lisboa, um caracter e uma alma bondosa da melhor tempera. As donas da casa eram designadas entre os seus hospedes pela expressão familiar «as velhas.» A respeito d'ellas diz Gonçalves Crespo: «...estou em casa d'umas boas velhas, que me estimam mais que a qualquer dos meus companheiros. Tratam de mim, como se eu fosse um filho. Contam-me as suas desavenças com as criadas, apaparicam-me e dizem de mim o melhor possivel, por onde vão.»

Uma noite, ha uns quatorze ou quinze annos, representava em Coimbra o tragico Rossi o *Othello*. O theatro Academico estava completamente cheio e a admiração pelo actor italiano era enorme; porém o Crespo, completamente absorvido na contemplação da arte, só sente os seus nervos, que lhe gritam alto,

dominando a sua commoção a do publico, que elle julga mesquinha e insignificante. Na scena final, quando a tremenda catastrophe se aproxima, o silencio era solemne e profundo. O mouro, feroz e grande e digno na sua dôr, lança os dedos crispantes á tenue garganta da innocente Desdemona para a abafar. Sente-se o ultimo gemido da casta esposa, a nobre e altiva paixão do selvagem tem commettido uma iniquidade!... N'este momento ouve-se na platéa um grito pavoroso, que fez convergir, para o ponto d'onde partira, todos os olhares!... Era o Crespo que, fóra de si, não podéra conter a enorme dôr que o dominava. Eis como elle dava conta a uma pessoa intima o que sentira n'esse momento singular:

«Era eu o unico em meio de toda aquella multidão que o (ao actor Rossi) applaudia enthusiasta, o unico capaz de entender tudo aquillo que ha de grande, de extraordinariamente grande n'aquella commovedora tragedia. Em quanto uns applaudiam descuidosos e outros — o maior numero — namoravam, a minha alma estava toda consubstanciada n'aquelle vulto grandioso; o que elle dizia, parece-me, que eu o dizia tambem, o que elle sentia tambem eu o sentia e talvez mais poderosamente. Quando o *honest Iago* prepara a cilada infernal, eu tremia como uma creança. Na scena final, quando a deshonra tem de ser lavada e quando Othello penetra na camara de Desdemona, eu que tinha lido a tragedia senti irriçarem-se-me os cabellos e coar-se-me nas veias um frio de morte. Aquella scena cortada de beijos, de supplicas e de rugidos dolorosos é sublime e tocante. Prefiro-a ao acordar de Julieta, apertando em balde ao seio, a

cabeça loira do desditoso Romeu. E dizem que os poetas são inuteis! Quando mais não seja suavisam-n'os as maguas: aqui estou eu, que se leio essa tragedia, para logo sinto dentro em mim uma doce consolação. Aquillo sim, aquillo é que é amor, e não essa coisa esfarrapada e fria, impossivel, incongruente e convencional, que as meninas usam caçar nos bailes, com a mesma tranquillidade de espirito, com que apanham as borboletas, ou levantam as malhas do *crochet.*»

Este estylo nunca infatuado mostra além do artista primoroso das *Miniaturas* e dos *Nocturnos,* uma alma sensivel e boa, um fundo bem differente do que muita gente tem supposto e até affirmado em criticas irreflectidas. Os seus livros vistos a esta nova luz, teem um perfume e um encanto tenuissimos e percebem-se melhor.

Nos ultimos tempos da sua vida, durante os dois mezes em que a terrivel molestia caminhou implacavelmente, contradizendo dia a dia os heroicos esforços da sciencia e os de sua incansavel esposa, a physionomia de Crespo adquiriu uma energica expressão de melancholia. O seu sorriso tinha um fundo de amargura, o olhar vago de myope fixava-se indeterminadamente como n'uma escuridade distante, sem um ponto vivo a que se prender. Pensava na morte, ás vezes surprehendiam-n'o a chorar. Uma das idéas fixas da sua vida, a de que, apesar d'uma apparencia robusta, era fraco e morreria cedo, realisava-se.

Sentia-o instinctivamente e elle que tanto amou a vida, triste ou alegre que ella lhe foi, apavorava-se com a idéa da morte. Era preciso que o seu assistente e amigo, o professor Sousa Martins, e todas as pessoas que o viam fingissem uma certa alegria esperançosa, para o enganarem, e eu era um dos que mais concorria para este effeito, amesquinhando-lhe com desdens o padecimento.

Na ultima noite que viveu, tocou-me a mim, como um dos seus amigos, acompanhar sua esposa, para ambos velarmos pelo doente. Toda a minha vida conservarei vivo na memoria esse doloroso quadro d'agonia, com todas as tristes circumstancias que o caracterisaram: — ao fim de dois mezes de noites em claro, a sr.ª D. Maria Amalia estava anniquillada e tudo quanto fazia era automaticamente. Havendo necessidade de se lhe dar de hora a hora os medicamentos, com o fim piedoso de lhe serem minoradas as angustias dos ultimos instantes, o doente exigia que isto fosse feito por sua esposa, que elle chamava n'uma voz já pouco intelligivel. Eu então acordava-a do torpôr em que estava sobre um sofá e, concluido o trabalho que só ella sabia fazer, vencida pela enorme lucta moral e physica, deixava-se cahir de novo no mesmo logar, com a cabeça entre os braços.

As feições do doente eram cadavericas: — rosto prolongado e sumido, olhos grandes de myope sem brilho e sem mobilidade, a bocca entre-aberta para respirar melhor e a longa respiração stertorosa que já começava a pronunciar-se, lançava no estreito ambiente, saturado d'acido phenico, um murmurio rouco, prenuncio da morte. Como felizmente os seus meios

de sensibilidade já não eram grandes, não conhecendo o fim proximo da sua vida, com a intelligencia que ainda conservava, exprimia palavras de consolação, affirmava esperar ainda melhoras.

N'um momento, por habito profissional de que ainda conservo restos, eu approximei-me da lampa-rina para examinar o conteúdo do escarrador. Elle fez signal a sua esposa pedindo-lhe: «Vae ver o que elle diz.» E como o meu sorriso o animou n'esta hora extrema, o desditoso accrescentou: «Este foi a salvação...» Referia-se ao que tinha expectorado, com o ultimo accesso de tosse.

«A morte aperfeiçoa o homem mais perfeito» — disse Renan a proposito da lenda da resurreição do sublime Nazareno, que inspirou ao auctor das *Minia-turas* e dos *Nocturnos* alguns dos seus melhores versos. Por muito sympathica que fosse a lenda de Gonçalves Crespo, por extraordinario que fosse o seu talento, não poderia esperar-se que a sua morte causasse uma tamanha commoção. Tanto em Portugal como no Brazil o seu nome era estimado e querido e isso viu-se pelas manifestações de sentimento que o pu-blico litterario dos dois paizes prodigalisou a sua boa esposa. O poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos* nunca poderá ter o que se chama popularidade; ou melhor, vulgarisação. A aristocratica correcção dos seus versos, a elegancia e delicadeza subtil das suas imagens, a ironia dolente e desdenhosa d'algumas das suas poesias, a fina melancholia de outras, não são de certo qualidades que todos possam facilmente per-ceber. Além d'isso evitava com orgulho e altivez de verdadeiro artista a fogosidade postiça de alguns

poetas e a sensibilidade pueril d'outros. Era um artista de optimos nervos, que só pode agradar a entendimentos delicados. E no entretanto tem sonetos d'um lyrismo camoneano, que são um encanto.

Não entra hoje no nosso plano analysar as *Miniaturas* e os *Nocturnos*, porém diremos de passagem que, apesar do primeiro livro lhe estabelecer logo uma verdadeira reputação, o segundo accentuou determinadamente as suas eminentes qualidades d'artista e lhe garantiu entre os poetas portuguezes de todos os tempos, um logar entre os primeiros. Dos antigos e habituaes collaboradores da *Folha* foi Gonçalves Crespo um dos que menos produziu, e comtudo não foi aquelle a quem menos sorriu a fortuna litteraria. É para se ver que a abundancia ou fecundidade não é sempre um signal de engenho e ao artista deve-se-lhe exigir que a sua obra seja perfeita e não se lhe perguntar o numero de horas ou de annos que ella lhe custou. A questão fundamental é que elle tenha o divino poder de chegar á perfeição, como Gonçalves Crespo o tinha.

Lisboa, março de 1884.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

A BORDO

AO MEU AMIGO E MESTRE J. PENHA

I

E funda a calmaria.
O mar dorme tranquillo e socegado,
E o céo d'aquelle dia
E como infindo páramo azulado.

II

O sol dardeja a prumo
No convez da galera *Diamante;*
Toma as alturas e combina o rumo
O piloto, marcando-o no sextante.

III

Na proa os marinheiros,
Recostados em rolos de cordame,
Escutam galhofeiros
Um velho que lhes conta seus amores.
O narrador dizia:
«Foi isto em Buenos-Aires; só queria
Que a vissem, como eu vi, dançar *boleros,*
O corpo requebrando;
A saia curta; as mãos postas nas ancas;
Os olhos atiçando . . .
Que valente fragata!
Valia mais de certo, que dez brancas,
Mariquita a mulata!»

IV

Da escotilha á entrada,
No corrimão lustroso
Da vacillante escada,
Um verde papagaio cobiçoso
Namora com olhares sem ventura
Um cacho de bananas,
Que do cesto da gavea se pendura.

V

É variado o aspecto
Da envernizada camara. A um lado
De uma comprida mesa
Um *king's-charles* inquieto
Ladra brincando e atira-se ao regaço
De uma sêcca, espigada e velha ingleza.

VI

Uma adoravel *miss*
De tranças aneladas
E de olhos de um azul casto e sereno,
Afaga com meiguice,
Dando infantis risadas,
Da *lady* semsabor o cão pequeno.

VII

De chapéo desabado,
Chapéo do Chile, que uma tenda eguala,
De charuto na bocca, um *fazendeiro*
Passeia pela sala,

Olhando namorado
O rosto feiticeiro
De uma gentil Bahiana enlanguescida,
Que n'um doce pensar scisma embebida.

VIII

Alguns louros meninos,
Em cadeiras de vime empoleirados,
Apontam com seus dedos pequeninos,
Commentando enlevados,
As paginas ornadas de gravuras
De um livro de subtis caricaturas.

IX

Envolta na fumaça
De uma leve e cheirosa cigarrilha,
O pé deixando ver de sob a cassa
De seus brancos vestidos,
Uma linda morena de Sevilha
Se deixa amar por um francez poeta,
Almiscarado, louro, e de luneta.

X

Jogam o voltarete
Tres portuguezes velhos,
Faladores, teimosos e vermelhos:
Da mesa no tapete,
De cerveja entre as taças facetadas,
Scintillam como espelhos
As caixas de rapé auri-lavradas.

XI

Debruçado no encosto
De uma fofa cadeira,
O velho capitão de bronzeo rosto
A uns colonos allemães reconta
De que modo e maneira
Nas margens do Amazonas apanhara,
Andando em caça na deserta areia,
A variada e refulgente arara,
Que as attenções prendera da assembléa.

XII

Assim passava; e emquanto
Prosegue o capitão, a velha ingleza
Dormita reclinada sobre a mesa;
O cão não ladra; e a *miss* escuta o canto
Arrastado, monótono e choroso
De uma robusta negra, que balança
Na rede fluctuante uma creança.

XIII

O vento refrescara,
E move-se a galera. A comitiva
Para a coberta ascende alegre e viva.
Range no emtanto o leme.
Na camara só fica a triste arara
E o francez, que murmura em voz, que treme,
Á bella *señorita:* «*Je vous aime!*»

1870.

A NOIVA

A noiva passa rindo
De rosas coroada,
Como um botão surgindo
Á luz da madrugada.

Na fronte immaculada
O véo lhe desce lindo,
E a brisa ennamorada
Lhe furta um beijo infindo . . .

Ante o altar se inclina
A noiva, e purpurina
Murmura a medo : «Sim.»

Agora é noite ; a lua
No céo azul fluctua,
E o noivo diz : «Emfim!»

1870.

A SESTA

Na rede, que um negro moroso balança,
Qual berço de espumas,
Formosa crioula repousa e dormita,
Emquanto a mucamba nos ares agita
Um leque de plumas.

Na rede perpassam as trémulas sombras
Dos altos bambús;
E dorme a crioula de manso embalada,
Pendidos os braços da rede nevada
Mimosos e nús.

A rede, que os ares em torno perfuma
De vivos aromas,
De subito pára, que o negro indolente
Espreita lascivo da bella dormente
As tumidas pomas.

Na rede suspensa dos ramos erguidos
Suspira e sorri
A languida moça cercada de flores;
Aos guinchos dá saltos na esteira de côres
Felpudo sagui.

Na rede, por vezes, agita-se a bella,
Talvez murmurando
Em sonhos as trovas cadentes, saudosas,
Que triste colono por noites formosas
Descanta chorando.

A rede nos ares de novo fluctua,
E a bella a sonhar!
Ao longe nos bosques escuros, cerrados,
De negros captivos os cantos magoados
Soluçam no ar.

Na rede olorosa, silencio! deixai-a
Dormir em descanso! . . .
Escravo, balança-lhe a rede serena;
Mestiça, teu leque de plumas acena
De manso, de manso . . .

O vento que passe tranquillo, de leve,
Nas folhas do ingá;
As aves que abafem seu canto sentido;
As rodas do *engenho* não façam ruido,
Que dorme a Sinhá!

1870.

A MULHER QUE RIA

Seu rosto tinha a doce transparencia
Das louças do Japão. Era judia.
Em seus olhos azues quanta innocencia!
Mas dos sonhos de amor zombava e ria.

Mixto de sombra e luz: ás vezes pura
Como aerea visão me apparecia;
Outras vezes, extranha creatura!
Era a pagã que entre meus braços ria.

Se de amor doces phrases eu soltava
E febril seus cabellos desprendia,
De meus joelhos, douda, resvalava,
E beijando me, Esther cantava e ria.

Minha alcova era um ninho perfumado,
E entre flores a vida me corria.
O socego perdi, ennamorado
D'essa mulher, que ora cantava ou ria.

Uma vez n'uma ceia deslumbrante,
Entre o ruidoso estrepito da orgia,
Nos braços desmaiou de um estudante;
Depois deixou-me só . . . Cantava e ria.

Que saudades eu tive! Em meu caminho
Vi-a hontem passar, triste e sombria,
Solta na espadua a trança em desalinho:
Era a sombra de Esther, pois já não ria.

1869.

O CAMARIM

A luz do sol afaga docemente
As bordadas cortinas de escumilha;
Penetrantes aromas de baunilha
Ondulam pelo tepido ambiente.

Sobre a estante do piano reluzente
Repousa a *Norma,* e ao lado uma quadrilha;
E do leito francez nas colchas brilha
De um cão de raça o olhar intelligente.

Ao pé das longas vestes, descuidadas
Dormem nos arabescos do tapete
Duas leves botinas delicadas.

Sobre a mesa emmurchece um ramilhete,
E entre um leque e umas luvas perfumadas
Scintilla um caprichoso bracelete.

1870.

ARRUFOS

Olha, vizinha; não póde
Soffrer mais tempo os agrores
De teus esquivos amores
O meu amor sem ventura;
Se te olho, voltas o rosto
Com modos de abhorrecida;
Se te falo, distrahida
Fitas os olhos na altura...

Não era assim n'outros tempos!
Nem já te lembras, pequena!
Foi n'um dia de novena
Que te vi a vez primeira.
Em todo o tempo da festa
Eu tive os olhos cravados
Em teus cabellos cendrados
E n'esse rosto de cera.

No fim da novena, á porta
Eu já te estava esperando,
De um lado e do outro olhando,
Temendo que te não visse...
Màs quando por mim passaste
E me roçou teu vestido,
Fiquei a ponto perdido,
Que nem sei o que te disse!

Alguma phrase amorosa!
Que tu, ouvindo-a, paraste
E os olhos em mim pousaste,
Como quem diz: esperava!
Depois travámos conversa
Tão nossa, tão divertida,
Que na longa despedida
O *tu* por vezes te dava.

Isto era em abril: em maio,
Quando das aulas chegava,
Sempre na mesa encontrava
Um ramilhete cheiroso.
Um dia achei um escripto
Que dizia: «Venha cedo,
Quero dizer-lhe um segredo;
Mas não tarde, preguiçoso!»

Desci de um salto as escadas.
Quando cheguei, tu ergueste
O meigo olhar e disseste,
Presa de amor e ventura:
«Não sabe? faço annos hoje;
Não recuse, meu amigo,
Jantará hoje commigo...»
E depuzeste a costura.

D'ahi a pouco voltavas,
Minha doce primavera!
Com um collar, que eu te dera,
E o meu gorro nos cabellos.
Jantámos. Que tarde aquella,
Cheia de louca poesia!
Quanto amor, quanta alegria!
Como os vinte annos são bellos!

Uma vez tinhamos vindo
De passear pela aldeia.
Que noite de lua cheia!
Parece que a vejo agora...
Era em noite de S. Pedro,
Quando ouvimos n'um descante:
«O amor de um estudante
Não dura mais que uma hora.»

Teu braço tremeu, teu corpo
Vergou-se, mimosa planta
Se o temporal se levanta
E a face do céo descora...
E repetias baixinho
Com doce voz supplicante:
«*O amor de um estudante*
Não dura mais que uma hora.»

Em todo o nosso caminho
Foste calada e chorando,
E timida desviando
Teus grandes olhos dos meus.
Á entrada da tua porta
Tentei beijar-te, fugiste;
E n'aquella hora tão triste
Nem ouvi sequer: adeus!

Desde então, ao teu postigo,
Por mais que os olhos relanço,
Embalde imploro o descanso
D'esta minha desventura.
Se te olho, voltas o rosto
Com modos de abhorrecida;
Se te falo, distrahida
Fitas os olhos na altura...

1869

N. H.

Tu não és de Romeu a doce amante,
A triste Julieta, que suspira,
Sôlto o cabello aos ventos ondeante,
Inquietas cordas de suspensa lyra.

Não és Ophelia, a virgem lacrimante,
Que ao luar nos jardins vaga e delira,
E é levada nas aguas fluctuante,
Como em sonho de amor que cedo expira.

És a estatua de marmore de rosa;
Galatéa accordando voluptuosa
Do grego artista ao fogo de mil beijos...

És a languida Julia que desmaia,
És Haydéa nos concavos da praia;
Fosse eu o Dom João dos teus desejos!...

MODESTA

A MINHA IRMÃ

I

Se lembro esse momento
Mais bello d'esta vida!
Voava desprendida
A tua coma ao vento...

O teu olhar, querida,
Desceu ao meu tormento,
E após enternecida
Disseste em brando accento:

«Tua alma soffre e chora,
Quando o porvir se inflora,
Quando a teu lado estou!...»

Doce te olhei tremendo;
A noite ia descendo,
Um beijo se escutou.

II

Um beijo se escutou,
E eu via mal seguro
A luz que elle traçou
No azul do meu futuro.

Um beijo se escutou.
Depois... teu labio puro
Mais brando suspirou
Que a pomba em ermo escuro.

Voz doce e piedosa!
Não fujas, mariposa,
Não tremas, Galatéa!

Gwinplaine, extasiado,
De um osculo sagrado
Os pés ungia a Déa...

III

O prado tem as flores,
Boninas a floresta,
Eu tenho-te, Modesta,
Meus candidos amores.

Quando me inclinam mésta
A fronte os dissabores,
Sorris-me tu, Modesta,
E vão-se as minhas dores.

Desceste ao meu abrigo,
Ah! como eu te bemdigo!
Oh! como te amo eu!

Que nos teus labios vejo
Na aureola de um beijo
O resplendor do céo!

IV

És bella, és casta, és pura;
O teu olhar consola,
Se o lanças, doce esmola,
Á sombra, á desventura...

Vieste-me da altura,
Immaculada rôla;
Abriste, alva corolla,
Em minha noite escura.

Na escalvada rocha
A flor não desabrocha
O mádido botão;

Mas tu sorris ao ver-me
A mim, obscuro verme.
Não te mereço, não!

V

Se beijo essa cabeça,
Meu premio, auxilio e guia,
Suffoca-me a alegria,
Nem sei que mais eu peça.

Não póde a bruma espessa
Casar-se á luz do dia:
Unir-se a ti podia
A minha sorte avêssa?

Ainda é tempo, escuta:
O meu amor enlucta;
Venceu-te uma illusão...

Tu bem me vês no rosto
A sombra do sol-posto...
Se eu fosse teu irmão!

VI

Oh rosas purpurinas,
Que tapetaes o prado!
Trazei, lirios, boninas,
O aroma embalsamado.

Oh aves peregrinas!
Por esse azul arqueado
Soltai canções divinas:
É hoje o meu noivado.

Estrellas scintillantes,
Eternos diamantes
De trémulo fulgôr,

Brilhai! Sonha Modesta
Que tem na fronte honesta
Da laranjeira a flôr.

VII

Que doce é ver agora
A natureza, quando
O plumeo e alegre bando
Saúda a luz da aurora!

No prado o orvalho chora
Aljofres derramando:
Já se ouve ao longe a nora
E o lavrador cantando.

As auras amorosas
Passam beijando as rosas,
E tu dormindo, flôr!

Ergue-te, lirio santo,
Accorda, meu encanto,
Modesta, meu amor!

VIII

Dormia. Assim a lua
Em nuvens perfumadas,
Nos ares embaladas,
Esconde-se, e fluctua...

As roupas descuidadas
Deixam-n'a semi-nua:
Que fórmas delicadas!
Dormia. Assim a lua...

Aquelle seio trouxe
Não sei que aroma doce,
Que doce embriaguez!

Tão bella! enfeitiçado,
Beijei-lhe namorado
A curva de seus pés.

IX

Do templo o véo rasgou-se,
Na treva eil-o sumido!
O sonho estremecido
Em fumo dissipou-se!

Erguer, embevecido
N'aquelle amor tão doce,
Um idolo que fosse,
E vel-o assim cahido!

Oh petala de rosa,
Que nuvem tormentosa
Te confundiu no pó?

De tanto amor que resta?
Um tumulo, Modesta,
E eu sobre a terra, só!

X

Morreu! Assim a prece
Na cathedral sombria
Se esvai; á luz do dia
A lampada esmorece.

Curva-se a loura messe,
Se passa a aragem fria.
Tão bella assim! dormia...
Se á vida renascesse!

Levava as mãos no peito,
Goivos n'aquella trança
Que tanta vez beijei.

Oh sonho meu desfeito!
Voaste-me, creança!
Deus sabe se te amei!
1870

ELEITOS E PRECITOS

Se passam em tropel, rugindo, os ventos
Da floresta na densa ramaria,
Cremos ouvir nas vascas da agonia
De esmagados titans rudes lamentos.

Quando a furia descai dos elementos,
E mais se afrouxa a agreste symphonia,
Pelos erguidos ramos corpulentos
De aves se alastra a varia melodia.

Os lamentos, que se ouvem na floresta,
São as raivas e os gritos temerosos
De quem o eterno azul jámais alcança.

E a melodia, a namorada festa
Das aves e dos ninhos sonorosos,
É o sorrir da bemaventurança.

UM NUMERO DO INTERMEZZO

Ria, tomando chá em tôrno á mesa,
Da sociedade a flor:
E no campo de estheticas oppostas
Discutia-se o amor.

«O amor deve ser ethereo e puro,»
O conselheiro diz.
Sorrindo, a conselheira um ai! abafa
Com gestos de infeliz.

Diz o cónego: «O amor destroe, mas quando
Sensual, já se vê!»
A donzella pergunta ingenuamente:
«Reverendo, porque?»

A condessa murmura em voz dolente:
    «O amor é uma paixão.»
E languida uma chavena offerece
    Ao pallido barão.

Era vago um logar em tôrno á mesa:
    Era o teu, minha flor!
Tu, só tu, poderias, se o quizesses,
    Dizer o que era amor!

DULCE

(Imitação)

AO SR. FERNANDES PEREIRA

Vi-a um dia na rua. Fluctuante
Ao desdem lhe cahia a loura trança;
Como a luz d'um pharol, essa creança
Levou-me atrás de si... triste bacchante!

Era o seu nome Dulce. O povo rude
Apontava-a mofando, quando a via.
Docemente sorrindo, ella dizia:
«Tu sabes, se te amei santa virtude!»

Um dia a quiz beijar; fugiu-me triste:
«Dulce me chamam, disse, que amargura!
Este corpo, que vês, é sanie impura,
Nem mais amargo fel no mundo existe.

«Que tôrva historia a minha! é breve, attende:
Por minha mãe, que a fome allucinava,
Lançada fui no abysmo! Então amava...
Hoje sou Dulce, a lama que se vende...»

VIOLETA

Apertar-lhe, senhora, as mãos pequenas,
Nunca me foi logrado esse desejo;
Por bem pago me dou das minhas penas,
Se um dia a vejo!

Vel-a sómente! amor desavisado!
Que já nem sei agora que mais peça;
Nem sei de extremos, ou maior agrado,
Que lhe mereça.

Quizesse a minha prospera ventura
Descobrir-lhe esta dor, que me devora;
Teria dó da minha vida escura,
Gentil senhora.

Que para mim a aurora nunca aponta,
Nem eu vejo do sol os resplendores;
Os males meus, senhora, não teem conta,
Nem minhas dores.

Mas quando a furto a vejo, que alegria!
Mas quando a voz lhe escuto, desfalleço!
E d'este padecer, que me excrucia,
Até me esqueço.

Eu não lhe imploro amor: vira sómente
Entreabrir-se-me o céo, formosa dama,
Se lhe ouvisse dizer com voz tremente:
«Como elle me ama!»

1869

CONSOLAÇÃO

Quando á noite no baile esplendoroso
Vais na onda da valsa arrebatada
Com a serena fronte reclinada
Sobre o peito feliz do par ditoso...

Mal sabes tu que existe um desditoso
Faminto de te ver, oh minha amada!
E que sente a sua alma angustiada
Longe da luz do teu olhar piedoso.

Mas quando a rôxa aurora vem nascendo,
E a cotovia accorda o laranjal,
E os astros vão de todo esmorecendo;

Eu cuido ver-te, oh lirio divinal,
As minhas cartas ávida relendo
Semi-nua no leito virginal.

1869.

SARA

I

Não cantarei o sol, a terra e os largos mares,
E o bosque murmurante, e os ninhos das ramadas:
Meus hymnos serão teus, e as notas namoradas
Te vibrarei no pléctro, ó Esposa dos Cantares!

Sómente cantarei o teu olhar divino,
E esse collo, moldado em candido alabastro,
Onde ás vezes desmaio, e onde te desnastro
Em delirios febris as cômas de ouro fino.

Teu corpo cantarei, a esplendida esculptura,
O livro onde apprendi a ler quantas delicias
Nos chovem da mulher nas trémulas caricias,
Que nos erguem ao céo nas azas da ventura.

Teus labios cantarei, abençoado porto,
Onde vai soluçar a vaga de meus beijos,
Lyra, que se desata em timidos harpejos,
Quando me pende a fronte em lasso desconforto.

Se em teus braços me inclino, eu sinto que me afundo
N'um abysmo de seda e plumas perfumadas,
E exulto, e choro, e canto; e a roseas alvoradas
Ergue o vôo minha alma em extasis profundo.

Tu és a Fornarina: e eu n'esses olhos leio
A luz que cega e mata... Embora! venham rosas!
Quero cingir a fronte, e em noites amorosas
Como Sanzio morrer nas ondas do teu seio...

II

Milagre da natura
És tu, mulher; o artista
Ajoelha, se te avista,
Oh rara formosura!

Deslumbra na brancura
Teu corpo, e cega a vista;
Mas ver-te assim... contrista!
Tão bella, e tão impura!...

Meu sonho foi a rosa
Na vaga tumultuosa:
Tão cedo o vi morrer!

Phrynéa, tu não choras,
Nem tremes, nem descoras:
És marmore, mulher!

III

Ha um mixto de azul e trevas agitadas
N'esse felino olhar de lubrica bacchante.
Quando lhe cai aos pés a roupa fluctuante,
Contemplo, mudo e absorto, as formas recatadas.

N'essa mulher esplende um poema deslumbrante
De volupia e languor; em noites tresloucadas
Que suave não é nas rosas perfumadas
De seus labios beber o aroma inebriante!

Fascina, quando a vejo á noite semi-nua,
Postas as mãos no seio, onde o desejo estua,
A bocca descerrada, amortecido o olhar...

Fascina, mas sua alma é lodo, onde não pousa
Um raio d'essa aurora, o amor, sublime cousa!
Raio de luz perdido em tormentoso mar!

IV

No alvorecer das minhas primaveras
Tu me surgiste, apparição mimosa,
E eu pude ver logradas as chimeras
Da minha escura vida procellosa!

Com tanto ardor não cingem verdes heras
O tronco da palmeira voluptuosa,
Como quando no abraço dilaceras
Este meu seio nu, pagã formosa!

Eu quero desvendar este mysterio:
Se alguma cousa em ti de vago e ethereo
Existe meio occulta na penumbra...

Quero sentir, palpar a realidade;
Mas ante o brilho augusto da verdade
A luz do meu amor toda se obumbra.

V

Sara, quando me vês, suave e brando,
Repellir os teus beijos amorosos,
Talvez julgues, mulher, ir declinando
O alegre sol dos dias teus formosos.

Como te enganas, flor! chóro pensando
Que foste irmã dos lirios setinosos,
E que talvez o céo fulgiu brilhando
De teus olhos nos raios luminosos...

Quem te colheu o beijo primitivo?
Que Fausto ou Mephistopheles altivo
Te ennodoou as vestes, Margarida?

Escuta: emquanto dormes, impudente,
Talvez n'alguma estrella resplendente
Chore tua alma triste e arrependida.

VI

Sara, tens a belleza e a fórma seductora
Que Ticiano adorara, e Angelo esculpira;
De teu profundo olhar na humida saphyra
Em desmaios eu bebo a luz que me devora.

Sara, meiga visão! meu ser chora e delira
Se te vejo infantil, suave, encantadora,
E que vou desferir a nota gemedoura
Do meu insano amor no labio que suspira.

Foste o molde talvez de algum sonho divino,
Estrella vinda á terra, oh corpo alabastrino,
Que em namorado extremo apérto contra o seio!

Mas sorris quando triste osculo os teus cabellos,
E te conto a illusão dos meus vagos anhelos:
Eu te perdôo, flôr! creança, eu te pranteio!

VII

Meu braço quando cinge
Teu corpo avelludado,
De rubra côr se tinge
Teu rosto desmaiado.

Dizer tão namorado
O que esse labio finge!
Depois... tudo evolado!
Ris-te na sombra, esphynge.

Podesse eu triste agora
Dizer que vi a aurora
Fulgir um só momento!

Desesperar eterno!
Oh! basta d'este inferno!
Esplenda o firmamento!

VIII

Oh Sara, minha Lesbia, em cuja bocca aspiro
A volupia que mata, o goso que adormenta!
Quando te agita o sangue a febre que dementa,
Manso e manso desmaio aos beijos de um vampiro

Es como a estatua grega, o assombro da esculptura,
Erguêra-te um altar o ardente paganismo;
Desce de ti a luz, que brilha em meu abysmo,
Esplendente ideal da eterna formosura!

Maravilha da carne, ás vezes se n'um beijo,
D'esses beijos febris e humidos, transvasas
Em meu ancioso peito o fogo em que te abrasas,
E te fustiga em lava asperrimo desejo,

Presinto que se esvai a noite procellosa
Á luz de um teu olhar na languida agonia,
E adormeço, mulher, n'um sonho de magia
Como em placido leito a onda preguiçosa.

Depois ás horas quando a curva mais se acalma
Do seio turbulento. e o mar da longa trança
Pouco e pouco se espraia... e flacido descansa,
Não sei que dôr levanta os seios de minh'alma.

Que importa que eu enxugue ao fogo de teus beijos
O pranto que me orvalha a palpebra sombria?
Se vejo o ideal, que tanto resplendia,
Perder-se pela altura em trémulos adejos?

O ROSARIO

A MANUEL ARRIAGA

Quando á noite contemplo taciturno
Estas contas antigas, o rosario
Das minhas orações,
Vejo em minh'alma o poema legendario
Dos velhos tempos das longinquas eras
De santas devoções.

A cruz eburnea, onde agoniza o Christo,
É de um lavor subtil, que nos revela
Um genio magistral,
Obra de monge em merencoria cella,
Piedoso artista ha muito adormecido
Em velha cathedral.

Tem seculos; talvez que n'estas contas
Passasse outr'ora suas mãos esguias
A castellã senil,
Pensando triste nos ditosos dias
Em que a seus pés um menestrel vibrava
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse
As saudades da noiva lacrymante,
Que debalde esperou
Em cada náu, que vinha de Levante,
O seu donzel amado que partira
E nunca mais voltou.

Sobre a cóta de um joven cavalleiro,
Que o beijava por noites estrelladas
Pensando em sua mãe,
Elle assistiu ás guerras das cruzadas,
Atravessou talvez a terra santa
E viu Jerusalem.

Talvez alguma freira em triste claustro,
De seus annos na doce primavera,
Só d'elle confiou
Seus loucos sonhos de fallaz chimera,
E, apertando o rosario ao peito ancioso,
Consolada expirou.

Isto, o que leio no rosario antigo;
E quando melancholico lhe beijo
As contas de marfim,
No ar escuto indefinido harpejo,
E então a crença, a mystica toada,
Murmura dentro em mim.

1871.

DESTINOS

A M. J. B.

Tu és a andorinha timida
Em migração para o sul;
Eu sou o abutre esfaimado,
Esse demonio emplumado,
O escuro Ahasvero do azul.

Tu és a prece bemdicta,
Que da innocencia partiu;
Eu sou o grito raivoso
Do miserrimo Leproso,
A quem o Senhor feriu.

Tu és o ramo de anemonas,
Que sobre o altar rescendeu;
Eu sou a folhagem mesta
Da mandragora funesta,
Que da forca aos pés nasceu.

Aurora, foge da noite!
Rebrilha, estrella ideal!
E viva eu só, ignorado,
O viver desamparado
Da triste garça real!

ARREPENDIDA

A VICENTE MONTEIRO

N'esse quarto pequeno, humido e estreito,
A miseria assentou a mão sombria:
A esteira do luar, que o alumia,
Mais lhe engrandece o luctuoso effeito.

A um lado da vetusta gelosia
Vela triste mulher; no immundo leito
Alguem resona lugubre, e desfeito
Pelos excessos da nocturna orgia.

Ella scisma ao luar; todo o passado
A seus olhos avulta, illuminado
Pelos dubios reflexos da tristeza...

Por uma noite assim, limpida e clara,
Sua modesta alcova ella deixara
Por esse que alli dorme e que a despreza!

1870.

NERA

I

Uma larga piscina, obra de um grego artista,
Attrai da alcova em meio a fascinada vista.

II

De trabalhado bronze um Pan malicioso
Finge na tenue flauta um canto harmonioso.

III

Uma estatua do Amor, de Paros côr de rosa,
Entre verdes festões assoma graciosa.

IV

Em jarras de Corintho esmaiam bellas flores,
Espalham-se no ar suavissimos olores.

V

O tecto é de mosaico e ornado de figuras;
Riem pela parede eroticas pinturas.

VI

Sobre mesas de jaspe, orladas de embutidos,
Repousam joias de ouro, esplendidos vestidos.

VII

Nas purpuras do leito eburneo uma creança
Dormita; a luz do sol lhe beija a loura trança.

VIII

Formosa! vista assim, no leito adormecida,
É nayade gentil em relva humedecida.

IX

Murmuram da clepsydra as aguas. Entretanto
Nera seu corpo estira em flaccido quebranto.

X

Abre — felino geito! — os labios cor de rosa,
Como em busca de um beijo, a dama voluptuosa.

XI

Sonha! julga sentir no rosto de açucena
Os beijos de Bactylo, o gladiador da arena.

XII

Subito, em toda a Roma a plebe dissoluta
«Ao Circo!» ruge e grita; a dama accorda e escuta.

XIII

Ergue o corpo de neve a linda Galatéa,
«Ao Circo!» e em seu olhar sorri ignota idéa...

1870

ALGUEM

Para alguem sou o lirio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideaes do Christo;
Para alguem sou a vida e a luz dos olhos,
E se a terra existe, é porque existo.

Esse alguem, que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancholico, triste e fatigado,
Esse alguem abre as azas no meu leito,
E o meu somno desliza perfumado.

Chovam bençãos de Deus sobre a que chora
Por mim além dos mares! esse alguem
É de meus dias a esplendente aurora,
És tu, doce velhinha, oh minha mãe!

NA ROÇA

AO DR. LUIZ JARDIM

Cercada de mestiças, no terreiro,
Scisma a Senhora Moça; vem descendo
A noite, e pouco e pouco escurecendo
O valle umbroso e o monte sobranceiro.

Brilham insectos no capim rasteiro,
Veem das mattas os negros recolhendo;
Na longa estrada echoa esmorecendo
O monotono canto de um tropeiro.

Atraz das grandes, pardas borboletas,
Creanças nuas lá se vão inquietas
Na varanda correndo ladrilhada.

Desponta a lua; o sabiá gorgeia;
Emquanto ás portas do curral ondeia
A mugidora fila da boiada...

UMA ANDALUZA

A MARÇAL PACHECO

Tinha os pés, tinha as mãos em miniatura,
Essa por quem suspira em vão Sevilha;
Seu collo era um modelo de esculptura,
Visto de sob as franjas da mantilha.

Em seu gracioso andar sobreexcedia
Da panthera a felina gentileza;
Era famosa em toda a Andaluzia
A longa trança da gentil marqueza.

E por ninguem batera aquelle seio
De creança indolente e caprichosa!
Nenhum *hidalgo* em namorado enleio
Ousou dizer-lhe um dia: «É tão formosa!»

Por vezes nas tertulias repetia,
Dedilhando no leque rendilhado,
Que a doces galanteios preferia
De um *papelito* o fumo perfumado.

Á noite, quando a lua é toda amores,
E a guitarra soluça mais dolente,
No seu balcão de gothicos lavores
A marqueza sorria-se indolente.

Um alcaide, poeta e cavalheiro,
De ciume feroz embriagado,
No leito apunhalara um extrangeiro
Da bella *señorita* namorado.

Alguem disse que o facto deshumano
A deixara impassivel e serena,
E que se ouvira toda a noite ao piano
O canto alegre da gentil morena.

Mais tarde, n'uma esplendida tourada,
De *El-Niño* ao ver um *cambio* perigoso,
Perturbou-se-lhe a fronte socegada,
E palpitou-lhe o seio de amoroso.

Hoje embalde suspira a serenada,
Murmura em vão na *calle* a seguidilha,
Que a marqueza gentil e ennamorada
Por um *torero* abandonou Sevilha !

BIANCO VESTITA

Quando sou a teu lado e sinto o aroma
Das tuas falas puras de creança,
Embriagam-me os sonhos de esperança
Que em vão posso lograr na curta vida.

Visão de amor ! o beijo sacrosanto,
Colhido d'essa bocca purpurina,
Foi como a luz do sol entre a neblina:
Eu te bemdigo, noiva estremecida !

Por vezes ao luar, n'essa varanda,
Quando ao seio te aperto ennamorada,
E a medo se desata magoada
A canção de minh'alma, que delira,

A face te desbota docemente,
Descai-te a fronte languida no seio,
Humido o labio em desmaiado anceio
Tenues vozes de amor brando suspira.

Flor de innocencia! o sonho de ventura,
Que antevejo no aroma d'essas falas,
Não vale as nuvens de ouro em que te embalas
E de teu leito o perfumado arminho...

Não me fales de amor, timida rôla!
Extende as azas em perenne adejo!
Chore eu embora o sacrosanto beijo
E as rosas que lançaste em meu caminho!

186...

NOITE DE INVERNO

Dezembro, quando veste
O manto seu de arminho,
E o escuro torvelinho
Empanna o azul celeste...

E sopra o agudo léste
No arido maninho,
Deserto é o caminho,
E a noite é fria, agreste...

Que doce então scismarmos
Na alcova socegada,
E, quasi a adormecer,

A fronte reclinarmos
Na onda avelludada
De um collo de mulher!

1870

DESDICHADA

Sósinha e ao desamparo ella vivia
N'esse pobre casebre abandonado;
Não conhecera pae nem mãe; doía
Fitar aquelle rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
Para os descantes da festiva aldeia;
E comsigo a mesquinha suspirava:
«Doce Jesus! porque nasci tão feia?»

Quando a lua no céo azul surgia,
De alvor banhando a múrmura deveza,
No postigo do albergue a sós gemia,
Triste mulher sem viço nem belleza.

Chamou-a Deus emfim: quando passava
O singelo caixão na triste aldeia,
Melancholico o povo murmurava:
«Vai tão bonita, olhai! e era tão feia!...»

1870.

Á BEIRA DO MONDEGO

Do azul na grande abobada espelhada
Campeia a lua e os astros scintillantes;
Os pés nas frescas aguas murmurantes,
Dorme Coimbra triste e socegada.

Ha pouco ainda a branda serenada
Nos bandolins chorava palpitantes;
Tudo é silencio agora, e dos amantes
Não se movem as sombras na calçada.

O caes repousa; a riba é solitaria;
Da ponte nos esguios candieiros
A luz vacilla crepitando varia.

Nas curvas lanchas dormem os barqueiros.
O poeta no emtanto, o eterno paria,
Escuta a voz de Ignez entre os salgueiros.

CORTEJO

DE PAULO VERLAINE

Em vestes de ouro e brocado,
Um mono os passos acerta
Ante a formosa, que aperta
Na mão um lenço bordado.

Atraz um negro luzido
Segue, de capa encarnada :
Sustém a cauda pesada
Do roçagante vestido.

O mono os olhos demora
No lacteo seio da bella,
Seio que a todos revela
A nua Venus de outr'ora.

A espaços o negro, ousado,
Ergue a cauda mais um pouco :
Quer ver se as visões de um louco
Mentiram... pobre coitado !

No rico salão festivo
Passeia a bella indolente :
Recresce a paixão ardente
No seu cortejo lascivo.

1868.

MÃE

A M. DE CAMPOS CARVALHO

Ella velava perto
Do filho, que dormia,
E candida sorria
Ao lirio entreaberto.

Da lua um raio incerto
No quarto se perdia ;
E a mãe olhava o Dia
E a Luz do seu deserto.

No berço fluctuante
Moveu-se agora o infante
E accorda pranteando...

Não ha quadro mais bello
Que a mãe, solto o cabello,
O filho acalentando !

1869.

A TUA CARTA

A J. SIMÕES DIAS

Tem as lettras desmaiadas
A' carta que me escreveste,
Talvez do calor do seio,
Onde escondida a trouxeste.

O perfume que ella exhala
Entonteceu-me a cabeça,
Lembraram-me os doces beijos
Da tua bocca, travessa.

Eu não dera a tua carta
Por cousas de alta valia;
São mais lindos que as estrellas
Teus erros de orthographia!

Por isso tracto essa carta
Com mais cuidado e mais zelo
Que o louro anel que me deste
Das tranças do teu cabello.

Por isso a leio e releio
Toda a noite em voz magoada,
E o papel estou beijando
Quando rompe a madrugada.

Cinco lettras d'essa carta
Valem mais que a luz do dia :
São aquellas cinco lettras
Do teu nome de Maria...

Sempre que vejo essas lettras,
Cuido ver o teu sorriso;
Oh lettras! vós sois as chaves
Das portas do paraiso!

Oh filha ! quando medito
Nas rosas do meu passado,
Parece-me a tua carta
Um lindo altar enfeitado.

E penso... vê lá por onde
A phantasia me voa!
Que tens a mão sobre a minha,
Que um padre nos abençoa...

Eu não dera a tua carta
Por cousas de alta valia,
Ainda que mais não tivesse
Que o teu nome de Maria!

IL RITTRATO

Entre jasmins em perfumado ambiente,
Qual a Madona em nicho recatado,
Pende em moldura de ebano lavrado
A imagem da mulher que chóro ausente.

Solta lhe desce a trança resplendente
Em ondas sobre o seio immaculado ;
Doura-lhe o fino labio nacarado
Almo sorrir de amor, puro, innocente...

Poemas aereos n'esses olhos leio,
Na luz dos olhos negros, e pranteio
O ver-me triste e só no meu retiro.

Doce visão do céo ! ás vezes creio
Que suspiras de amor em vago anceio :
Onde me levas, intimo suspiro ?

1868.

ALLUCINAÇÃO

É este o seu jardim ; no velho muro
Extende o jasmineiro a ramaria,
Chora a fonte no marmor da bacia,
Rescende perto o laranjal escuro.

Este luar silencioso e puro
Vale bem o fulgor d'aquelle dia
Em que a doce creoula me dizia
O que eu talvez não ouça no futuro.

Sonho talvez ! cuidei ter presentido
O arrastado e usual ruido
De suas vestes múrmuras de seda...

Uma folha que desce me desperta !
E eu vejo, á luz da lua, a sombra incerta
Das arvores nas ruas da alameda.

1869.

CANÇÃO

A BERNARDINO MACHADO

I

Mostraram-me um dia na roça dansando
Mestiça formosa de olhar azougado,
Co'um lenço de cores nos seios cruzado,
Nos lóbos da orelha pingentes de prata.
Que viva mulata !
Por ella o feitor
Diziam que andava perdido de amor.

II

De emtorno dez leguas da vasta fazenda
A vel-a corriam gentis amadores,
E aos dictos galantes de finos amores,
Abrindo seus labios de viva escarlata,
Sorria a mulata,
Por quem o feitor
Nutria chimeras e sonhos de amor.

III

Um pobre mascate, que em noites de lua
Cantava modinhas, lunduns magoados,
Amando a faceira dos olhos rasgados,
Ousou confessar-lh'o com voz timorata...
Amaste-o, mulata !
E o triste feitor
Chorava na sombra perdido de amor.

IV

Um dia encontraram na escura senzala
O catre da bella mucamba vazio :
Embalde recortam pirogas o rio,
Embalde a procuram nas sombras da matta.
Fugira a mulata,
Por quem o feitor
Se foi definhando, perdido de amor

1870.

NEVER-MORE

IMPRESSÕES DE UMA POESIA DE MUSSET

Hontem ao ver-te, flôr ! após a longa ausencia,
Scismando em não sei que, a tarde ia cahindo...
Lembrou-me o nosso amor, e a perfumada essencia
Que profanaste rindo.

Oh sim ! és bella ainda ! a mesma pallidez
Ennubla-te de leve o rosto de açucenas ;
Teu corpo ainda conserva a doce languidez
Das bellas Madrilenas.

Teus olhos teem a luz, a mesma luz que outr'ora
A vida me tornou em floreo paraiso ;
O mesmo aroma tem a trança cor de amora,
Teu labio o mesmo riso...

Mas quando te ouço a fala, esvai-se meu encanto,
O sonho se anniquila e attonito estremeço !
Minh'alma, doudo amor ! se alaga em triste pranto ;
Mulher, não te conheço !...

Não és a mesma, não ! não treme suspirosa,
Como outr'ora, creança, a tua voz tremia :
Busco embalde a illusão do sonho cor de rosa !
Tudo, tudo mentia !...

Mentia-me essa voz, e aquelle doudo anceio,
E o pranto que te vi na minha despedida !
Mentia-me essa fronte occulta no meu seio...
E eras a minha vida !

Diz'-me: se eu perguntasse um dia o que fizeste
Das santas illusões das minhas primaveras,
Das crenças que depuz n'aquelle amor celeste,
Diz'-me, que responderas?

És hoje o mausoleo sombrio, onde descansa,
Para sempre talvez, o meu doce passado !
Amanhecesse um dia a pallida esperança...
Mas... teu seio é gelado !

1869.

MIMI

Recreia-se a minh'alma se á tardinha
Na janella diviso essa innocente ;
Que nunca vi olhar mais transparente,
Nem figura gentil como a vizinha !

Desce ás vezes a timida avezinha
Ao seu jardim, e afaga docemente
Da Cochinchina um gallo refulgente,
Que em seu regaço languido se aninha.

Ageita, ao ver-me, o seu vestido curto,
E, as louras tranças concertando a furto,
Fita os olhos no azul toda tristeza.

E n'esse tempo acode-me á lembrança
O já ter visto assim uma creança
N'uma gravura ideal da eschola ingleza.

SUAS MÃOS

As mãos d'essa franzina creatura
São feitas das camelias setinosas;
Resumbra na suavissima textura
O azul das tenues veias caprichosas.

Levemente compridas, graciosas,
Escurecem das teclas a brancura,
E desprezam as lindas preguiçosas
Os finos arabescos da costura.

Os dedos são de jaspe modelado;
E as unhas... só podiam as paletas
De um chinez imitar-lhes o rosado.

Se alguem as beija em curvas etiquetas,
Sente um aroma doce e delicado
Como o aroma subtil das violetas.

1870.

O MEU CACHIMBO

Beija os olhos do filho inanimado
A mãe, soltando sepulcraes lamentos:
Assim chorei, beijando esses fragmentos
Do meu louro cachimbo requeimado.

Eras, pobre cachimbo, o que restava
Do aereo sonho d'esse amor desfeito!
Embalde aperto ao magoado peito
O cofre de charão que te guardava!

Lembro-me ainda, qual se fosse agora,
De quando Helena, a timida creança,
Me deu em dia de annos por lembrança
Esse cachimbo que minh'alma chora.

Muita vez entre as ondas caprichosas
Do azulado fumo ella contava
A sua triste infancia, e desatava
Pelos hombros as tranças vaporosas;

Ou demorando na cerulea altura
Os magoados olhos, repetia
Que bem cedo talvez me deixaria
Pela sombra feral da sepultura.

Um dia fui achal-a em triste leito,
Mais tremula que um passaro ferido,
Descahia-lhe o rosto esmaecido
Sobre o marmore branco de seu peito.

E ouvi depois que em funebre ataude
Me levaram a pallida violeta,
A minha ennamorada Julieta,
A miragem da minha juventude.

E quando a noite repousava escura,
E a solidão mais fundo me doía,
Nas espiras do fumo absorto a via,
E embalava-me em sonhos de ventura.

Oh meu cachimbo, companheiro e amigo,
Que na desdita e no prazer me viste!
Com quem agora falarei da triste,
Que descansa na sombra do jazigo?

1869.

6

AO MEIO DIA

I

No cafezal cerrado
O silencio é completo : o Engenho dorme
Do matto denso e enorme
Sai o vago sussurro dos cortiços;
Não se ouve de aves o cantar magoado,
Nem coaxa a rã nos humidos canniços.

II

O fumo das cozinhas da Fazenda,
Pennacho vacillante,
Recorta em floccos de ligeira renda
O ar sereno em seu azul distante.

III

Na torre avermelhada
Chama a sineta ao sordido repasto.
Dos escravos a turba afadigada,
Repleta de alegria,
Sob um toldo no pateo immenso e vasto
Descansa do labor do extenso dia.

IV

Entre dois ramos na suspensa rede
Dorme emtanto o feitor;
E sua alma irrequieta em sonhos vaga
Pelos paizes de um ditoso amor.

V

Sonha embebido em louca phantasia
Que á sombra do ingazeiro
De vasta ramaria
O velho fazendeiro,
Com voz grave, d'est'arte lhe dizia:
«Sinto-me velho e enfermo,
«Da vida já no termo:

«Se morro, alhi me fica ao desamparo,
«Sem irmãos, sem ninguem, sem um parente,
«A minha pobre filha,
«O thesouro do avaro.
«És honrado e valente,
«E pobre como eu fui... Ella consente,
«Podes chamar-lhe esposa...»

VI

E o feitor via, doce e carinhosa,
A pallida Sinhá,
No labio um riso honesto,
A desfolhar com peregrino gesto
Um roxo manacá.

VII

Ora os miseros negros, insensiveis
A tanto amor e a tanta poesia,
Formam-se em varios grupos: este solta
De um instrumento rispida harmonia
Ao som dos pés, que batem compassados;
Outro segue o voar dos maribondos,
Abrindo os grandes olhos esmaltados.

VIII

Este apresta a armadilha cavilloso
Para caçar as vivas capiváras ;
Outro, mais diligente e industrioso,
Vai concertando um cesto de taquaras.

IX

N'um grupo separado
Os crias da Fazenda
Em doce enlevo escutam
Um franzino mestiço afortunado,
Que relata baixinho o caso extranho
De ter visto a Sinhá tomando banho.

X

Da sala da costura na janella,
Que a verde trepadeira
De cachos mil estrélla,
Passa ás vezes o rosto cobreado
Uma lasciva — parda — feiticeira.

XI

Um rancho de negritos
Luzidios e nus,
Enchendo o ar de estrepitantes gritos,
O pateo cruzam rapidos, montados
Em varas de bambús,
Alevantando nuvens de poeira
Na vertigem da celere carreira.

XII

Folgam ao vel-os os saguis ligeiros;
E as araras formosas,
Os rubros olhos com temor piscando
E as scintillantes pennas encrespando,
Já gritam buliçosas
No ebano lustroso dos poleiros.

XIII

De velhos negros n'uma vasta roda
Um cabinda gracioso,
A quem a turba toda
Com applausos incita,
Vai meneando o corpo firme e airoso,
E a voz minhota do feitor imita.

XIV

Este sonha no emtanto;
Mas o sonho é mais triste, pois agora
Ante seus olhos, humidos de pranto,
Merencoria visão se patenteia:
Vê da patria a campina verdejante
Onde brincara infante,
E a torre velha e esguia,
E a larga escadaria
Da velha egreja da saudosa aldeia.
Não longe do caminho
Nas sombras do arvoredo meio-occulta,
Como alvacento ninho,
A casa onde nascera alegre avulta.
Falam com elle cheias de alegria
As moças do logar;
«Oh Margarida! oh Rosa! e tu Maria!...»
E o triste a soluçar...
«Onde está minha mãe?» eil-a que passa!
Tão mudada e abatida!...
«Não vês teu filho, minha mãe querida?
Para abraçar-te de bem longe venho...»

XV

N'isto um grito solenne e imperioso
Veiu quebrar o sonho venturoso:
Era o senhor do Engenho.

1870.

A CONFESSADA

Era tão linda assim, ajoelhada,
As mãos unidas com suave gesto,
Os olhos baixos, e um sorrir modesto
De seus labios na curva immaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mesto
Ella curvara a fronte delicada,
E dizia-lhe baixo e socegada
De sua vida o deslizar honesto.

Mas subito uma nuvem cor de rosa
Ao rosto lhe subiu, fugaz meteoro!
E a voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa...

E pude ver, sombrio Lovelace,
Essa palavra — amor — em lettras de ouro
Traçadas no carmim de sua face.

TRANSFIGURAÇÃO

AO DR. JOSÉ FALCÃO

I

Era a voz de Jesus, benigna e tão suave
Como um perdão de mãe ou como um trino de ave.

II

A turba, que o cercava, ouvia-o respeitosa,
Olhando aquella fronte eburnea e luminosa.

III

Elle chamava a si, com falas de esperanças,
O simples, o afflicto e as timidas creanças.

IV

E falava do céo, das cousas transparentes
E de um culto ideal, ás almas innocentes.

V

Aos humildes dizia, erguendo o olhar profundo:
«O reino do Senhor não é o d'este mundo.»

VI

Ouviu-se então no povo, em extase embebido,
Um grito suffocado, um choro dolorido.

VII

Jesus baixara a vista affavel e serena:
«Feliz, disse, o que chora, oh doce Magdalena!»

VIII

E ella, que em vida solta, alegre e descuidosa,
Passara os dias seus, triste mulher formosa!
Sentindo aquelle olhar, que entre ella e o céo fluctua,
Nas tranças occultou a espadua semi-nua...

1870.

FIM

INDICE